



Patrícia Vasconcelos

As coisas difíceis dão-me força. Aprendo. Entre os dez e os 18 anos vivi na antiga Jugoslávia. A minha mãe casou com um escritor, convidado para ser embaixador político. No início vivemos num hotel de 400 quartos. Cada piso estava ocupado por famílias de embaixadores. Era tudo novo. Gosto disso. Passava os dias a estudar uma frase para saber como é que ia fazer conversa com alguém. Sonhava em servo-croata.

Descobri o meu pai quando voltei. Durante a época em que estive fora, o cinema, para o que ele vivia, não me atraiu. Escrevíamos cartas. Ainda as tenho. Ensinou-me a ouvir música e Gainsbourg era obrigatório. O meu pai era uma vedeta por altura do lançamento do seu filme «O Lugar do Morto». Eu estava cá de férias e toda a gente falava da Ana Zanatti, do Pedro Oliveira e das cenas tórridas entre os dois.

Há 19 anos que faço isto. Não consigo não o fazer. Não tenho ideia quanta gente pus a trabalhar em cinema e em publicidade. Quando comecei não havia esta profissão. A expressão «casting director» foi mal traduzida. Directora de «casting» é uma palavra muito pomposa.

41 anos
directora
de casting

Traduzo caras. Gosto de ler um guião e dar corpo a um personagem que alguém escreveu. Andava preocupada porque não lia romances. Depois percebi que não conseguia fazê-lo porque passo os dias a ler guiões.

O Dino Alves veste-me sempre. Escolhe sedas e dou ideias que vou tirando de recortes de revistas. São apenas um pormenor. Um cantinho de uma fotografia que me entusiasma. A minha casa está carregada de recortes. alguns são mínimos. Colo em todo o lado. Vivo rodeada de objectos. Não sou minimalista. Ocupo espaço.

O dinheiro não é importante. O luxo é ter um desejo e poder realizá-lo. A música foi um «dream come true». Sempre tive um grande fascínio pelo «show biz» e pelas divas dos anos 40. Isso sim é «glamour». Barbra Streisand a descer a escadaria no «Hello, Dolly!» Vi mais de trezentas vezes.

Ando a cem à hora. Gosto de viver. Já tinha aulas de canto. Era uma coisa só minha, como quem vai à ginástica. Tive um «flash» e decidi fazer uma surpresa. Escolhi jazz. Só declarações de amor. Contratei um grupo de cantores e dei o concerto. «This is my place», senti. Não me peçam para representar. A minha performance tem de ser orgânica. Nunca me passa pela cabeça que corra mal, não existe esse «ship». Trabalho exaustivamente. Não sei fazer de outra maneira.

Patrícia Vasconcelos lançou agora o seu primeiro disco, «Se o Amor Fosse Só Isso», e actua no domingo no Cool Jazz Festival, em Oeiras

TEXTO DE *Ana Soromenho* (asoromenho@expresso.pt)
FOTOGRAFIA DE *António Pedro Ferreira* (apferreira@expresso.pt)